

As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981)

Mario F. Simões (*)

Resumo

Desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi, de sua fundação até os dias atuais, enfatizando a importância do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir de 1955, na recuperação, reaparelhamento e, sobretudo, dinamização do antigo setor de Arqueologia Amazônica, praticamente inativo desde início do século XX. Focalizados os principais projetos de pesquisas empreendidos e em realização, seus objetivos e resultados alcançados, além de outras atividades no campo do ensino e da pesquisa arqueológica.

Quanto às pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, apesar das contribuições pioneiras de Ferreira Penna, Emílio Goeldi e Lima Guedes, ou ainda mais recentemente, de Peter Hilbert, é a partir de 1962, alguns anos após a assinatura do convênio entre o Governo do Estado do Pará e o então Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), que a direção deste órgão federal passaria a dispensar melhor atenção e providenciar recursos para recuperar e dinamizar o antigo setor de Arqueologia do Museu Goeldi, praticamente inativo desde início do século. Se por um lado a construção e reforma de prédios para depósito das coleções, laboratórios e gabinetes de trabalho, aliadas à aquisição de móveis, equipamento e bibliografia, forneceram as bases físicas para seu funcionamento inicial; por outro, a concessão de bolsas e maiores recursos para os trabalhos de campo completaram essa infra-estrutura mínima, facultando recrutar pessoal especializado e de apoio, organizar cursos e estágios e, conseqüentemente, reativar e imprimir maior ritmo às pesquisas e publicações.

Nesta comunicação é apresentada uma sinopse das contribuições prestadas pelo Museu Goeldi à Arqueologia Amazônica, de sua fundação até nossos dias, enfatizando a importância do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na recuperação e dinamização das pesquisas arqueológicas, em quase três décadas de sua atuação na Amazônia. Para melhor acompanhamento dividiu-se a história dessas pesquisas em dois períodos: o primeiro, desde sua fundação até a assinatura do Convênio Governo do Estado do Pará/Conselho Nacional de Pesquisas, em 1954; o segundo, desta data até os dias atuais (1981). São comentadas as principais contribuições e eventos ocorridos em cada período, acrescentando-se, porém, na apreciação do período atual, um relato sucinto sobre os projetos realizados e em execução, seus objetivos e resultados obtidos, além de informes relativos a outras atividades no âmbito do ensino e da pesquisa.

PERÍODO PIONEIRO (1870 - 1954)

Nos primeiros tempos de atividade do recém-fundado Museu Paraense, (1) destacam-se os trabalhos pioneiros de seu fundador — Domingos Soares Ferreira Penna — em Marajó, Amapá, Tocantins e litoral do Pará, como naturalista-viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nos campos de Marajó foi o primeiro a ali proceder escavações arqueológicas e, pelas observações então colhidas nos aterros dos Camutins (1870) e Pacoval (1871), a aventar a hipótese da origem artificial dos aterros marajoaras, posteriormente confirmada por outros pesquisadores. (2) Nos vários sítios prospec-

(*) — Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

(1) — Inicialmente fundado como **Sociedade Filomática** (1866), em 1870 passou a denominar-se **Museu Paraense**, nome que permaneceu até 1901, quando foi substituído pelo de **Museu Goeldi** e, após 1931, novamente mudado para **Museu Paraense Emílio Goeldi**, denominação atual.

(2) — Foi motivado por tais informações que Charles F. Hartt, então chefe da **Expedição Morgan**, resolveu enviar seus assistentes Barnard (1871), Berkeley e Derby (1872) a Marajó, os quais, após examinarem os aterros em questão, comprovaram as afirmações de Ferreira Penna.

cionados nos rios Mazagão e Maracá (1872), no atual Território do Amapá, coletou Ferreira Penna regular número de urnas zoo e antropomorfas, até então inéditas; e, pela prospecção ao longo do baixo rio Tocantins e parte do litoral leste do Pará (1875), publicou a primeira notícia sobre a localização, destruição e conteúdo dos sambaquis do Pará (Ferreira Penna, 1876, 1877a e 1877b).

Contudo, é na administração de Emilio Goeldi (1894-1907) que o Museu Paraense, melhor instalado e estruturado, daria de fato início às pesquisas arqueológicas na Amazônia. Em 1895 é realizada a pesquisa de Goeldi nas cavernas funerárias do rio Cunani e, em 1896, a de Aureliano Lima Guedes nos sítios-cemitérios da ilha Pará, rios Mazagão, Maracá e Anauerapucu, ambas no atual Território Federal do Amapá. Dessas pesquisas resultaram as primeiras e melhores coleções hoje existentes de Cunani e Maracá, como também as primeiras contribuições à Arqueologia Amazônica publicadas pelo Museu Paraense (Guedes, 1897; Goeldi, 1900).⁽³⁾

Após 1907, prolongando-se até meados do século, sofreu a Arqueologia no Museu Goeldi um longo período de inatividade e declínio, motivado por várias causas, entre as quais se destacam a partida de Goeldi para a Europa, a Guerra de 1914-18, a crise da borracha e, principalmente, a carência de recursos e pessoal especializado. No entanto, a presença do etnólogo Curt Nimuendaju, por duas vezes à frente da então Seção de Etnografia e Arqueologia, e a colaboração prestada pelo Museu às pesquisas de outras instituições, quer pelo estudo de suas coleções, quer ainda pelo apoio logístico oferecido, em parte compensaram o longo hiato nas pesquisas arqueológicas.

Nimuendaju, além de reorganizar as antigas coleções e acrescentar algumas peças por ele coletadas na área de Santarém e arredores, publicou um artigo no *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, no qual são reunidas e condensadas todas as informações esparsas dos cronistas sobre os extintos índios Tapajó e, pela cerâmica destes, apresentadas possí-

veis correlações com complexos arqueológicos centro-americanos (Nimuendaju, 1949).

Da colaboração prestadas às pesquisas de outras instituições, merecem registro as de William C. Farabee (1914-18), Antonio Mordini (1926-28), Heloisa Alberto Torres (1930) e, em especial, as do casal Clifford Evans e Betty J. Meggers (1948-49). Foi na atual residência do Diretor do Museu Goeldi que esses pesquisadores, na estação chuvosa de 1948-49, estabeleceram a primeira seqüência de desenvolvimento cultural da foz do Amazonas, mediante a análise de milhares de fragmentos de cerâmica escavados no Amapá e ilhas de Marajó, Mexiana e Caviana (Meggers & Evans, 1957). Com essa nova abordagem de pesquisa arqueológica, até então inédita no Brasil, encerrava-se a etapa especulativo-descritiva dos primeiros anos da Arqueologia Amazônica.

Com a mesma abordagem metodológica, Peter P. Hilbert, etnólogo do Museu Goeldi e participante dos trabalhos de campo dos Evans em Marajó (1949), retomou as atividades arqueológicas do Museu, em recesso desde final do século XIX. Pela total falta de recursos na época, contou Hilbert com a colaboração de outras instituições, como o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, procedendo escavações nos aterros de Marajó (1950-51), nas *terras-pretas* dos rios Nhamundá-Trombetas (1952) e nos sítios-cemitérios do baixo rio Cassiporé (1953).

Em 1954, com o convênio firmado entre o então Conselho Nacional de Pesquisas e o Governo do Estado do Pará, pelo qual assumia o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) a direção científica e administrativa do Museu Goeldi, encerrava-se o período pioneiro das pesquisas arqueológicas *goeldianas*.

PERÍODO ATUAL (1955 - 1981)

Com a aplicação maciça de recursos do CNPq foi sustada a decadência e inatividade do Museu. Seu escasso quadro técnico foi então fortalecido com a vinda de pesquisadores de alto nível, geralmente emprestados ou criun-

(3) — Ainda que trabalhos de outros especialistas do Museu Goeldi, principalmente geólogos, são de extrema utilidade para a Arqueologia as observações sobre os sambaquis paraenses publicadas por Kraatz-Koschlaue & Huber (1900) e por Kratzer (1903).

dos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, iniciando-se a relevante tarefa de recuperar, reorganizar e reativar as pesquisas científicas de há muito inativas.

Organizada a Divisão de Antropologia, em 1955, recebeu o setor de Arqueologia e, obviamente, Peter Hilbert, apoio e recursos para prosseguimento de suas pesquisas. Desta data até 1961, quando regressou à Alemanha, realizou trabalhos de campo no médio rio Amazonas, foz do rio Negro e médio rio Japurá, dos quais resultou a identificação de várias fases e seqüências culturais de áreas até aquela época totalmente desconhecidas arqueologicamente. Dos resultados dessas pesquisas publicou diversos artigos no Brasil e no exterior, e, mais recentemente, uma monografia geral (Hilbert, 1952 - 1968).

A partir de 1962, em cumprimento à programação elaborada pelo INPA em 1955, empenhou-se a direção do Museu Goeldi (4) na obtenção de recursos para equipar a recém-criada Divisão de Antropologia com um setor de Arqueologia compatível com os novos padrões vigentes no Museu Goeldi. Logo em meados de 1962 foi iniciada a construção de um prédio com 130m² para sua instalação, contendo um laboratório, duas saletas para técnicos e um amplo salão, este destinado a abrigar as coleções arqueológicas até então mal acondicionadas e dispersas pelos porões da Rocinha. No ano seguinte, após confeccionados e montados os armários, estantes, gavetões e caixas para acondicionamento do material arqueológico existente, foi para ali transferido todo o acervo e inaugurado o prédio, o qual passou a denominar-se *Pavilhão Frederico Barata* em homenagem ao jornalista, artista e estudioso da Cultura Santarém, recém-falecido.

No início de 1969, considerando o desenvolvimento das pesquisas, o acervo acumulado e o crescimento de sua base física, passou a denominar-se *Seção de Arqueologia*, sendo designado para chefiá-la o Pesquisador-Chefe Mario Ferreira Simões que desde 1963 já vinha dirigindo o Setor. Em 1977, em decorrência da reorganização do Museu Goeldi, bem como

para proporcionar maior liberdade de programação e orçamentação de recursos para suas atividades, foi desvinculada da tutela da Divisão de Antropologia e elevada à categoria de *Divisão*, sob a mesma chefia anterior, e subordinada diretamente à Diretoria do Museu Goeldi. Posteriormente, face as normas de estrutura aprovadas pelo CNPq, pelas quais eram transformadas em Departamentos as antigas Divisões, passou a intitular-se *Departamento de Arqueologia*. Em 1980, porém, voltou a denominar-se *Divisão de Arqueologia*, compondo com a Divisão de Antropologia, o atual Departamento de Ciências Humanas.

AS LINHAS BÁSICAS DE PESQUISA

Além das tarefas específicas de tombamento e curadoria das coleções arqueológicas do Museu Goeldi, tem a Divisão de Arqueologia por objetivo o fiel cumprimento do *Programa Básico de Pesquisas* da instituição, o qual, no tocante à Arqueologia Amazônica, comporta as seguintes linhas de pesquisa:

— Promover e intensificar as pesquisas na área da Amazônia Legal Brasileira, especialmente as de Arqueologia Pré-histórica, buscando obter uma perspectiva geral do processo de adaptação do Homem pré-colombiano a certas situações ambientais e ao uso de determinados recursos naturais, suas origens, migrações, cronologia, desenvolvimento cultural e possíveis correlações com as demais áreas contíguas sul-americanas;

— Programar e realizar o salvamento de sítios arqueológicos (Arqueologia de Salvamento) ameaçados de destruição parcial ou total pelo surto de desenvolvimento urbanístico e tecnológico da área, como a construção de estradas, represas, indústrias etc.;

— Colaborar com a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e outros órgãos congêneres, no tombamento, cadastro e fiscalização dos sítios arqueológicos, zelando pela fiel observância da Lei nº 3.924, de 24 de julho de 1971, que dispõe sobre a proteção dos monumentos arqueológicos e históricos brasileiros;

(4) — Cumpre aqui destacar todo o empenho e estímulo recebido dos diretores do Museu Goeldi — Eduardo Galvão (1961-62), Darcy de Oliveira Albuquerque (1962-68) e Luiz Miguel Scaff (1969 ao presente) — na recuperação, reaparelhamento e dinamização da Arqueologia *goeldiana*.

— Manter estreita colaboração com as áreas de pesquisa afins do Museu Goeldi e de outras instituições em programas de pesquisas de sua competência específica;

— Promover, dentro de suas possibilidades, o preparo e aperfeiçoamento de pessoal especializado (arqueólogos e auxiliares técnicos) para o Museu e outros órgãos, mediante a programação e realização de cursos especiais e estágios;

— Empenhar-se na divulgação dos resultados de suas pesquisas e de outras atividades correlatas através de publicações, exposições, congressos, palestras etc;

— Assessorar a Diretoria do Museu Goeldi nos assuntos atinentes a sua área de atuação.

A BASE FÍSICA

Com o desenvolvimento das pesquisas ampliou-se o primitivo núcleo da Divisão, abrando atualmente 3 prédios próximos e parte do porão da Rocinha. O primeiro, o já mencionado *Pavilhão Frederico Barata*, com seus dois gabinetes para pesquisadores, um laboratório e o depósito para as coleções, do qual parte é ocupada por grande mesa para classificação de material e local para aulas, reuniões e seminários. O segundo, obtido em 1975 após reforma e adaptação da antiga Seção de Entomologia, resultou uma área adicional de 100m², onde estão instalados um depósito para material estratigráfico e análise tipológica, um laboratório e sala para as coleções-tipo, um gabinete para pesquisador, além da Secretaria e Copa da Divisão. O terceiro, compreende uma área de 26m², dividida em duas saletas: uma reservada para alojar três técnicos, e outra destinada ao laboratório de restauração de material arqueológico. (Fig. 1 a 4).

Contudo, diante do volume de material coletado nos trabalhos de campo ultimamente

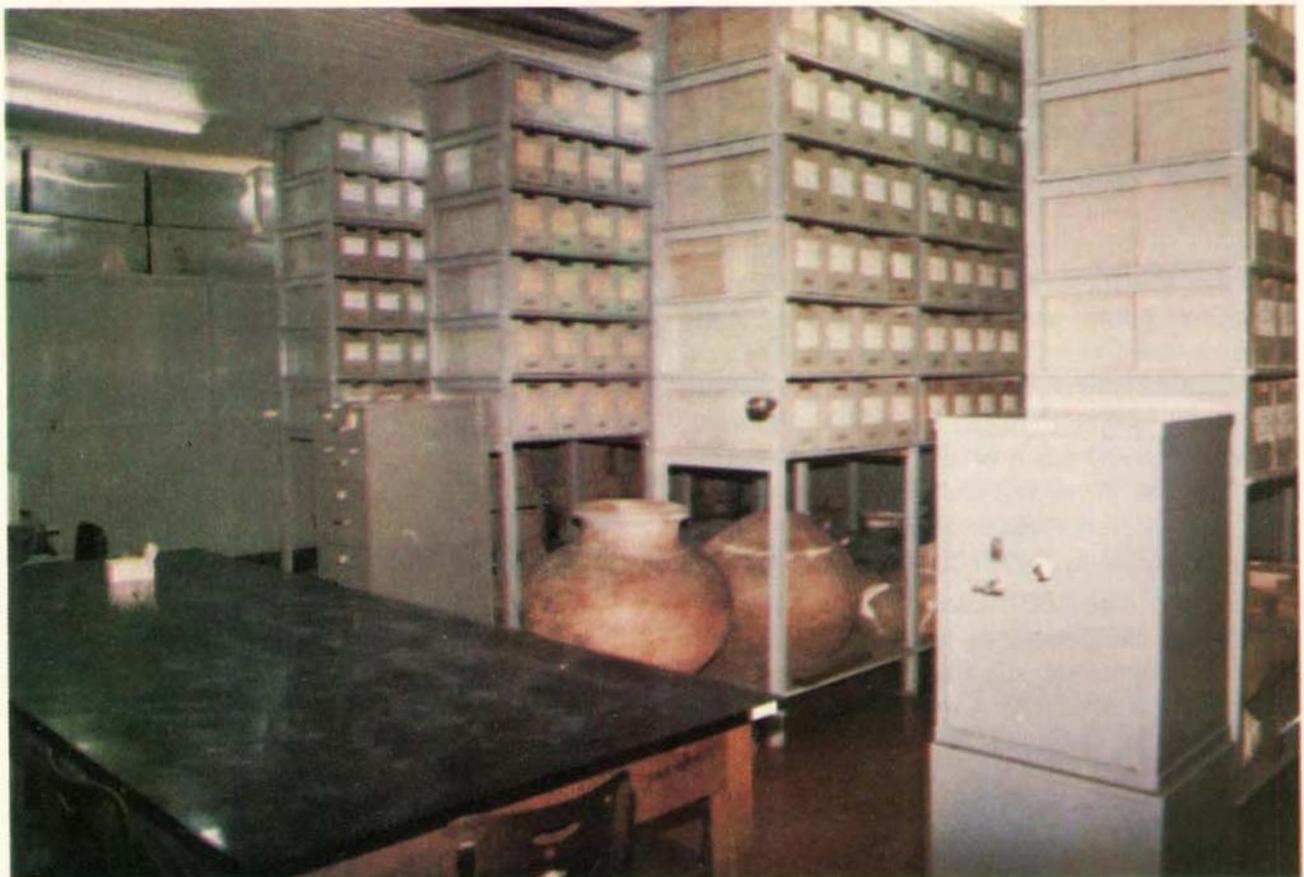


Fig. 1 — Interior do **Pavilhão Frederico Barata**, com as estantes, armários, caixas e cofre para acondicionamento das coleções. (Prédio I).



Fig. 2 — Vista do depósito para material estratigráfico e análise tipológica. (Prédio II).

realizados, voltou a faltar espaço para acondicionamento do material e, obviamente, de local para ser o mesmo manuseado e estudado. Mais uma vez foi a Divisão atendida pela Diretoria do Museu na cessão de 75m² no porão da Rocinha, na ocasião totalmente restaurada. Essa área, depois de equipada com estantes, bancadas, mesas para manuseio de material, caixas para as amostras estratigráficas, exaustores etc., serve no momento de depósito para o material estratigráfico dos projetos baixo Tocantins e baixo Uatumã-Jatapu, além de local para análise e estudo desse material.

Não obstante os acréscimos sucessivos, ressentem-se ainda a Divisão de espaço e contigüidade. Os prédios são praticamente isolados, dificultando a comunicação, não havendo espaço disponível para futuras admissões de técnicos ou mesmo de estagiários. No tocante aos depósitos de material arqueológico, a previsão é de 3 anos no máximo, caso seja man-

tido o atual ritmo dos trabalhos de campo. Há, portanto, urgente necessidade em construir-se um prédio único, com área mínima de 700m², no atual terreno do Museu Goeldi ou alhures, para instalação definitiva da Divisão, caso se pretenda, como é propósito do CNPq, manter a pesquisa arqueológica na Amazônia em um nível de qualidade conciliável com a conjuntura científica moderna.

TREINAMENTO DE PESSOAL

a — MESTRADO

A pós-graduação em Arqueologia vem sendo obtida através de o Curso de Mestrado em Antropologia Social (área de concentração em Arqueologia), mantido pela Universidade de São Paulo (USP), até o momento o único centro de pós-graduação em Arqueologia no Brasil.

Duas Assistentes de Pesquisa, sob a orientação do Prof. Dr. Ulpiano B. de Meneses, já concluíram os respectivos créditos: Conceição de Maria G. Corrêa, já com seu Exame de Qualificação aprovado e em fase de preparo da dissertação; e Fernanda H. J. de Carvalho de Araujo Costa, concluinte em 1979 e com seu Memorial para o Exame de Qualificação pronto, aguardando ser examinado em março de 1981.

b — ESTÁGIO DE APERFEIÇOAMENTO

Ministrado para as Assistentes de Pesquisa, mediante a coordenação e orientação do Pesquisador Mario F. Simões, tem por objetivo o preparo e aperfeiçoamento em Metodologia e Técnicas Arqueológicas, visando o futuro ingresso dos concluintes no Curso de Mestrado em Arqueologia da USP, considerando condição básica para aceitação no referido Curso ser profissional (de instituição de pesquisa), com trabalhos já realizados e em andamento. Consta o estágio de aulas, leituras e seminários sobre Teoria e Metodologia, Arqueologia Americana e Amazônica, bem como trabalho de campo intensivo e longo treinamento em laboratório (análise e classificação de material).

c — ESTÁGIO BÁSICO

Destinado a iniciantes, geralmente Estagiários, comporta temas gerais teóricos sobre Arqueologia e, principalmente, uma grande ênfase nos trabalhos de laboratório, como manuseio, análise e classificação preliminar de material arqueológico, uso de binocular para determinar tipo de tempero, textura etc. da pasta, além da parte de fichamento bibliográfico e técnicas de Curadoria. De modo geral, este tipo de estágio é destinado a universitários dos cursos de História, Geografia e Ciências Sociais, fazendo os mesmos jus a bolsas de estudo patrocinadas pela SUDAM ou pelo CNPq.

d — ESTÁGIOS ESPECIAIS

Além dos estágios regulares (Básico e Aperfeiçoamento), a Divisão vem concedendo estágios avulsos a pesquisadores e professores de outras instituições, quer para atualiza-



Fig. 3 — Laboratório para análise de material e depósito das coleções-tipo. (Prédio II).

ção em Arqueologia (Arqueologia Amazônica, Metodologia, Técnicas de laboratório etc.), quer também para estudos específicos das coleções, objetivando preparo de dissertações para fins de pós-graduação.

e — CURSOS

No tocante aos cursos de Arqueologia ministrados pela Divisão, por sua complexidade, tempo absorvido, custo e dificuldades em conseguir professores de certas disciplinas, vêm sendo planejados intermitentemente, obedecendo nossas disponibilidades e urgência no preparo de pessoal especializado. Até o momento, foram programados e concluídos, com ótimos resultados, dois cursos, ambos em regime de tempo integral e em nível de pós-graduação.

O primeiro, em 1964-65, compreendia duas partes. A primeira, em 1964, de âmbito geral e introdutória a toda a então Divisão de Antro-

pologia (Curso Básico), objetivava a atualização e complementação em Ciências Antropológicas; a segunda, em 1965, denominada Curso de Aperfeiçoamento ou Especialização, tinha por finalidade a diversificação dos alunos nas três especialidades de Divisão — Arqueologia, Etnologia e Lingüística Indígena. Do curso de Arqueologia foram aproveitados dois alunos, um dos quais permanece até hoje no Museu.

O segundo — Curso de Arqueologia Brasileira — foi realizado no período de 1969-70, contando entre os alunos, além de pessoal local, com dois professores de outras instituições — um da Universidade Federal de Minas Gerais e outro da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em ambos os cursos, além das disciplinas básicas, como Teoria e Metodologia em Arqueologia, Antropologia Cultural e Etnografia do Brasil, Arqueologia Americana, Brasileira e Amazônica, foram ainda ministrados fundamentos e noções de Geologia e Petrografia, Topografia e Geomorfologia, Ecologia, Paleontologia, Malacologia e Sistemática. Como disciplinas acessórias, os alunos freqüentaram um curso intensivo de Fotografia e outro de Inglês. Dos trabalhos práticos, participaram os alunos de todas as operações de manipulação e tombamento de espécimes arqueológicos, fichamento bibliográfico, análise e classificação de material e trabalhos de campo.

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Até final de 1980 foram programados e realizados 11 projetos de pesquisas, uns já concluídos e outros em prosseguimento ou em fase de conclusão. Dos projetos realizados ponderável quantidade de informações vem-se acumulando sobre a origem, migrações, cronologia e desenvolvimento cultural de antigas populações indígenas pré-históricas da Amazônia Brasileira, quer de áreas arqueologicamente desconhecidas, como alto Xingu, litoral do Salgado, lago de Silves, ilha de São Luís, baixo



Fig. 4 — Setor de restauração de material arqueológico. (Prédio III).

Tocantins, médio rio Negro, baixo Uatumã-Jatapu e médio rio Urubu, quer de outras, que, pela extensão geográfica, haviam sido parcialmente pesquisadas no passado, como ilha de Marajó e baixo rio Negro, ou ainda, apenas descrita, como o lago Cajari, na Baixada Maranhense. Destes projetos, cinco já foram objeto de trabalhos publicados — Marajó, alto rio Xingu, baixo rio Negro, litoral do Salgado e lago Cajari; (5) quatro estão em fase de análise e classificação do material coletado — lago de Silves, ilha de São Luís, baixo rio Tocantins e médio rio Negro; e os dois últimos — baixo rio Uatumã-Jatapu (1979) e médio rio Urubu (1980), pela recência dos trabalhos de campo, encontram-se em fase de análise preliminar e lavagem, respectivamente.

1 — **Projeto Marajó** (1962-1965) — Iniciado em 1962, sob a responsabilidade de Mario F. Simões e Napoleão Figueiredo, com o patrocínio do Museu Goeldi e da Universidade Federal do Pará, o projeto estendeu-se até 1965 com apoio financeiro do Museu Goeldi e IPHAN. Além do treinamento de alunos e estagiários, o projeto tinha por finalidade comprovar a seqüência local estabelecida por Meggers & Evans (1957) para a parte central da ilha e obter amostras de carvão de fogueiras para fins de datação por C_{14} . (Fig. 5a).

Localizados e pesquisados 16 sítios arqueológicos inéditos (10 da fase *Marajoara*, 5 da

(5) — Cf. Corrêa & Simões, 1971; Figueiredo & Simões, 1963; Simões, 1967a, 1967b, 1969, 1971, 1973, 1974 e 1981; Simões et al., 1977.

fase *Formiga* e 1 das fases *Ananatuba/Mangueiras*). Dos dados obtidos estratigraficamente e a posterior comparação com os daqueles autores, importantes subsídios foram acrescidos à arqueologia da ilha de Marajó, dentre os quais as primeiras datações absolutas para as fases *Ananatuba/Mangueiras* e *Marajoara*, resultando, cronologicamente, na reformulação total da seqüência então estabelecida para a ilha de Marajó (Simões, 1967a). A datação de 980 a.C. obtida para a fase *Ananatuba* permitiu considerar esta fase como uma das mais antigas culturas ceramistas da Amazônia e incluí-la, temporalmente, no *Formativo Americano* (Simões, 1969). Para a fase *Marajoara*, as três datações conseguidas — A.D. 480, 580 e 690 — facultaram situar a fase como introduzida na ilha de Marajó em A.D. 400, estendendo-se até A.D. 1200 (Simões, 1973).

2 — **Projeto Alto Xingu** (1966) — Sob a responsabilidade de Mario F. Simões e patrocínio do *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas* (PRONAPA),⁽⁶⁾ teve como área de trabalho o Parque Nacional do Xingu (MT). O projeto objetivava verificar a presença de possíveis padrões culturais da faixa litorânea brasileira que, muito embora não se tenham difundido na Amazônia, poderiam ter penetrado na área alto xinguana, considerando a posição desta no limite meridional da Amazônia. (Fig. 5b).

Foram pesquisados 12 sítios-habitações no curso superior do Xingu e no baixo curso de alguns de seus tributários. Da análise e interpretação do material coletado foram identificadas duas fases arqueológicas distintas e relativamente recentes — *Diauarum* e *Ipavu*. A fase *Diauarum* faz-se representar por 7 sítios na mata ciliar do rio Xingu e seus afluentes Suiá-miçu e Manitsauá, enquanto a fase *Ipavu* por 5 sítios ao longo da lagoa *Ipavu* e pequenos afluentes do baixo rio *Culuene*. Ambas as fases pertenceram a grupos de *horticultores de floresta tropical* e, pelos traços diagnósticos da cerâmica, incluídas na tradição *Incisa Pon-*

teada da Amazônia Brasileira, aliás, a primeira ocorrência dessa tradição até então registrada ao sul do rio Amazonas. A fase *Diauarum* está datada por C_{14} em A.D. 1100 a 1300 e a *Ipavu* de A.D. 1250 a 1400. (Simões, 1967b e 1973).

3 — **Projeto Salgado** (1968-1974) — Pesquisas sob a responsabilidade de Mario F. Simões e Conceição G. Corrêa, sob o patrocínio do Museu Goeldi e IPHAN. Inicialmente programado como Arqueologia de Salvamento para os sambaquis residuais do litoral paraense (área do Salgado), foi a seguir ampliado com a inclusão de outros sítios não-sambaquis (sítios abertos), considerando-se a possibilidade de seu correlacionamento cultural e cronológico com os sambaquis. O projeto tinha por objetivo estabelecer uma seqüência de desenvolvimento cultural da área litorânea do Pará, a partir de sua ocupação por grupos humanos adaptados aos recursos do mar e a posterior transição para *horticultores de floresta tropical*, como também, através de colaboração interdisciplinar, tentar reconstituir os padrões de subsistência, assentamento e cronologia desses antigos grupos do litoral paraense. (Fig. 5c, d e e).

Localizados e pesquisados 62 sítios (43 sambaquis litorâneos, 16 sítios não-sambaquis e 3 sítios com gastrópodes fluviais) na orla costeira do leste paraense e já identificadas as fases *Mina*, *Uruá*, *Tucumã* e *Areão*. A fase *Mina* se faz representar pelos sambaquis litorâneos localizados, principalmente, entre as baías de Maracanã e Quatipuru. Material ergológico restrito a cerâmica rudimentar e artefatos de pedra, osso, concha e dente. Subsistência típica de *coletores-pescadores litorâneos*. Datações por C_{14} variam de 3.000 a 1.600 a.C., importando ser esta fase a mais antiga cultura ceramista do Brasil e uma das mais recuadas das Américas (Simões, 1973 e 1981). A fase *Uruá*, reconhecida em 3 sítios nas colinas do médio rio Quatipuru, apresentou nos refugos de ocupação grande quantidade de conchas de gastrópodes fluviais, conhecidos como

(6) — Programa de âmbito nacional mediante convênio entre o CNPq e a Smithsonian Institution, com a colaboração do então Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tinha por objetivo pesquisas extensivas nos diversos Estados e Territórios brasileiros, realizadas por 11 arqueólogos nacionais entre 1966 a 1970. (Cf. Simões Ed., 1967, 1969a, 1969b, 1971 e 1974).

"uruá" (*Pomacea* sp.). Cerâmica melhor elaborada, com artefatos líticos e adornos de conchas e dentes. Subsistência típica de *coletores-pescadores-caçadores* e antiguidade datada por C_{14} em 1.700 a.C. (Simões, 1973). A fase Tucumã foi identificada em 4 sítios abertos localizados nas encostas de colinas, no médio rio Quatipuru. Cerâmica bem elaborada, com vários tipos decorados e artefatos líticos polidos. Subsistência também de *coletores-pescadores-caçadores* e datação por termoluminescência variando de A.D. 228 a 750. A fase Areão, localizada em 2 sítios na área de dunas da ilha de Marudá, apresenta uma cerâmica bem manufaturada, com formas maiores que nas demais fases, inclusive com grelhas ou assadores circulares. Subsistência do tipo de *horticultores de floresta tropical* e datação por termoluminescência acusando A.D. 1430 a 1580 (Corrêa & Simões, 1971).

A fase Mina e uma outra do baixo Amazonas — fase Castália —, pelos traços diagnósticos da cerâmica e outras evidências, permitiram reconhecer a existência de uma tradição ceramista regional de ampla distribuição areal — tradição *Mina* — representada, até o momento, pelos sambaquis litorâneos do Pará (fase Mina), os sambaquis fluviais do baixo Amazonas (fase Castália), baixo Tocantins e baixo Xingu (fase Macapá), correlacionando-se ainda com os sambaquis litorâneos do Maranhão e os da fase Alaka, na faixa costeira da Guiana. (Simões, 1981).

4 — **Projeto Baixo rio Negro (1968-1969)** — Pesquisas de Mario F. Simões e Conceição G. Corrêa, sob o patrocínio do PRONAPA, nos arredores do baixo rio Negro (AM). O projeto tinha por objetivo verificar a possibilidade do rio Negro ter servido como rota de migração de povos e/ou idéias da região subandina para a Amazônia ou vice-versa, como também delimitar as áreas de ocorrência das principais tradições ceramistas da Amazônia e suas influências com relação ao médio rio Amazonas. (Fig. 5f)

Foram localizados e pesquisados 10 sítios-habitacões (5 no baixo rio Negro, 2 no baixo

rio Apuaú, 2 no médio rio Preto-da-Eva e 1 na ilha de Terra Nova), (7) identificadas 3 novas fases arqueológicas — *Umari*, *Apuaú* e *Pajurá* — e redefinidas 3 outras anteriormente descritas — *Paredão*, *Guarita* e *Itacoatiara*. A fase Umari, reconhecida em 2 sítios no médio Preto-da-Eva em associação com material da fase Guarita, apresentou forte semelhança com a cerâmica da fase Taruma, do alto Essequibo, na Guiana, atribuída aos índios Tarumá, emigrados do baixo rio Negro no século XIX. As fases Apuaú e Pajurá fazem-se representar associadas em 2 sítios no rio Apuaú. A primeira, pelas técnicas decorativas da cerâmica, foi incluída na tradição *Policroma* da Amazônia, enquanto a segunda, apesar de algumas técnicas incisivas sugerirem paralelo com a fase Paredão, não se enquadrou em nenhuma das tradições amazônicas. Todas as fases são de grupos *horticultores de floresta tropical* com antiguidade datada por C_{14} em: A.D. 390 a A.D. 750 para as fases Paredão/Guarita e A.D. 825 para a fase Apuaú.

Pela presença de material cerâmico semelhante ao da fase Guarita em várias localidades da Amazônia Ocidental, compreendidas entre Santo Antônio do Içá (a oeste), foz do rio Uatumã (a leste), baixos cursos dos rios Madeira e Purus (ao sul) e médio rio Negro (ao norte), foi reconhecida e proposta a sub-tradição *Guarita* para representar dentro da tradição *Policroma* todas as manifestações locais e fases com traços diagnósticos da fase-tipo Guarita. (Simões, 1974).

5 — **Projeto lago de Silves (1970)** — Pesquisas efetuadas na região do lago de Silves ou Saracá (AM), sob a coordenação de Mario F. Simões e a participação dos alunos do Curso de Arqueologia Brasileira, mediante financiamento do Museu Goeldi e a colaboração da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A pesquisa tinha por finalidade a complementação das pesquisas anteriormente realizadas em áreas contíguas, como as de Hilbert (foz do rio Negro, Itacoatiara e Manacapuru) e as de Simões (baixo rio Negro, rios Apuaú e Preto-da-Eva e ilha de Terra

(7) — Em 1974, Mario F. Simões, Ana Lúcia Machado e Eneida Ch. Malerbi localizaram e pesquisaram mais 11 sítios nos arredores do baixo rio Negro, na maior parte pertencentes às fases Paredão e Guarita.



Fig. 5 — Trabalho de campo dos projetos: a — escavação de um sítio da fase Formiga em área de campo, na ilha de Marajó; b — abertura de um corte-estratigráfico em Makahuku, no rio Tutuari, Alto Xingu; c — escavação da trincheira no sambaqui PA-SA-5: Porto da Mina, no Salgado; d — preparação e retirada do sepultamento n.º 2 no sambaqui PA-SA-6: Ponta de Pedras, no Salgado; e — coleta de material peneirado no sambaqui PA-SA-30: Cocal, no Salgado; f — escavação do sítio AM-MA 3: Canteiro, na ilha de Terra Nova, nos arredores do baixo rio Negro.

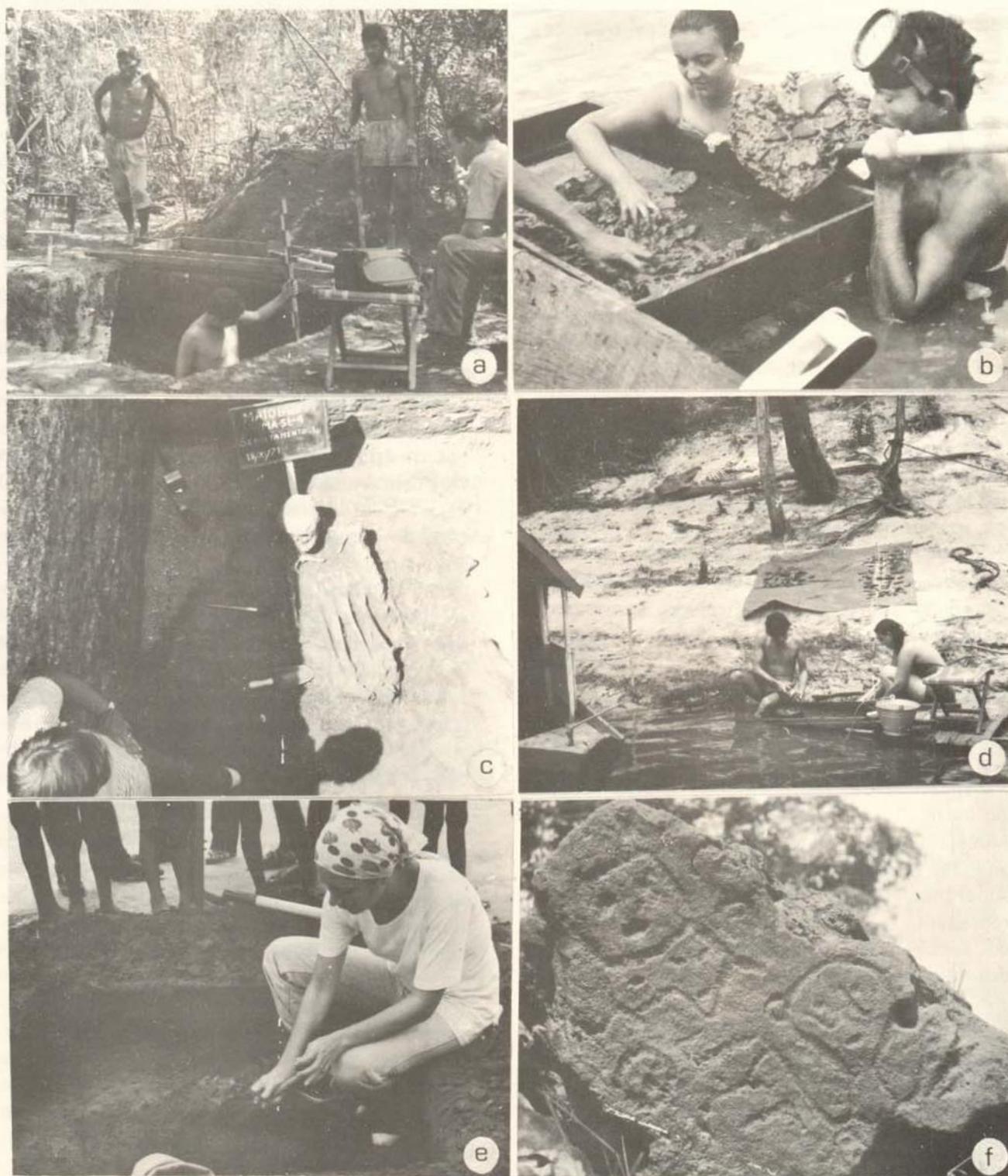


Fig. 6 — Trabalho de campo dos projetos: a — corte-estratigráfico no sítio AM-IT-1: Feitoria, no rio Sanabani, lago de Silves; b — coleta e peneiramento do material retirado do fundo do lago Cajari, no sítio MA-SL-1: Cacaria; c — sepultamento fletido entre 1,80 — 2,00 m no sambaqui MA-SL-4: Maiobinha, na ilha de São Luís; d — lavagem de material arqueológico para análise preliminar, médio rio Negro; e — escavação de uma urna na área urbana da vila de São Sebastião (sítio AM-UR-1), no baixo Uatumã; f. — matação com petróglifos (sítio AM-IT-31: Caretas), no médio rio Urubu.

Nova), para fins de delimitação das áreas de dispersão e influência das grandes tradições amazônicas. (Fig. 6a)

Pesquisados 13 sítios-habitações (6 na margem norte do lago, 5 no rio Sanabani e 2 na ilha de Silves) e identificadas 3 fases arqueológicas distintas — *Silves*, *Sanabani* e *Mocajatuba*. A fase *Silves* faz-se representar, principalmente, nos sítios localizados nas falésias da margem norte do lago. Cerâmica muito bem elaborada, com diversos tipos decorados, inclusive pintura policroma. Sepultamento secundário em urnas antropomorfas pintadas e antiguidade por C_{14} datando de A.D. 200. A fase *Sanabani*, por outro lado, foi identificada nos sítios das terras firmes de ambas as margens do rio homônimo. Sítios menores que os da fase *Silves*, com cerâmica apresentando ênfase nas técnicas incisa, ponteadada e modelada, e datação variando de A.D. 940 a A.D. 1060. A terceira fase — *Mocajatuba* —, foi caracterizada em um único sítio da ilha de *Silves*. Cerâmica diferente das anteriores e presença de elementos culturais alienígenas (pregos, artefatos de ferro etc.). Datação acusando A.D. 1715.

A fase *Silves* é tipicamente filiada à sub-tradição *Guarita* e a fase *Sanabani* à tradição *Incisa Ponteadada*, representando ambas grupos de *horticultores de floresta tropical*. Já a fase *Mocajatuba*, por conter evidências aculturativas, foi incluída na tradição *Neo-brasileira* da Amazônia. O sítio dessa fase provavelmente representa o local onde foi construída, em fins do século XVII, uma missão para catequese dos índios do rio Urubu. (Simões, 1973).

6 — **Projeto lago Cajari (1971)** — Pesquisa efetuada por Mario F. Simões, Conceição G. Corrêa, Ana Lucia Machado e Renato Sampalo Corrêa, na baixada maranhense, com financiamento do IPHAN. O projeto visava tentar resolver as controvérsias sobre a origem e antiguidade dos remanescentes culturais encontrados por Raimundo Lopes, em 1919, nas estearias ou palafitas do lago Cajari, no Maranhão. (Fig. 6b)

Localizadas e pesquisadas as estearias da Cacaria e a do Igarapé do Baiano, ambas no lago Cajari e noticiadas por aquele autor. Seleccionada a estação seca para realização dos trabalhos de prospecção subaquática, foram localizados restos dos antigos esteios de sustentação das palafitas, delimitada a área de ocupação da aldeia e coletada no fundo do lago grande quantidade de material (fragmentos de cerâmica, artefatos líticos, restos de esteios, madeira queimada e carvão). Da análise dessas evidências resultou a identificação da fase *Cajari*, relacionada à cultura das estearias maranhenses. A aldeia da fase *Cajari*, a julgar pelo sítio-tipo da Cacaria, abrangia área elíptica irregular de cerca de 8.000 m², com os esteios de sustentação do tabuado em troncos de "pau d'arco" (*Tabebuia* sp.) enterrados verticalmente, em média 1,20m, no fundo do lago; entre estes ocorriam esteios secundários, de menor diâmetro e geralmente inclinados. Acima do nível máximo das águas estendia-se o tabuado ou piso, sobre o qual, provavelmente, se distribuíam as cabanas. Cerâmica com tipos distintos de tempero e com ênfase no modelado de asas e adornos. Artefatos de cerâmica incluindo grelhas ou assadores circulares, rodela-de-fuso e vasos miniaturas. Numerosa e variada quantidade de artefatos líticos polidos e lascados. Uma única datação por C_{14} acusou uma antiguidade de A.D. 570.

A presença de grelhas implica na utilização da mandioca ou outro qualquer tubérculo, raiz ou coco, sob a forma de bolo ou de farinha na alimentação, enquanto as rodela-de-fuso sugerem fiação de fibras ou algodão para confecção de linhas, redes etc., o que parece evidenciar uma subsistência voltada para a pesca e agricultura. Apesar de contemporânea com algumas fases da ilha de Marajó, não há entre a fase *Cajari* e as antigas culturas daquela ilha qualquer correlação cultural, como sugerida no passado. (Simões, 1973; Simões et al., 1977).

7 — **Projeto São Luís (1971)** — Patrocinado pelo Museu Goeldi e realizado pela mesma equipe do projeto anterior, (8) o projeto visava a localização e pesquisa dos sambaquis litorâneos

(8) — Na parte final do trabalho de campo, quando nos dirigíamos para um dos sambaquis, ocorreu o brusco falecimento em pleno campo de Renato Sampalo Corrêa.

da ilha de São Luís (MA) para fins de comparação cultural e cronológica com os do litoral do Pará (fase Mina) e do Recôncavo Baiano (fase Periperi). (Fig. 6c)

Localizados e pesquisados 8 sambaquis, dos quais apenas dois — Maiobinha e Guaíba — permitiram escavações estratigráficas. Os restantes, como no litoral do Salgado, mostravam-se totalmente destruídos, restando somente fina camada residual de conchas e fragmentos de cerâmica. Com exceção do sambaqui da Maiobinha, os demais apresentavam composição malacológica semelhante aos da fase Mina, isto é, predomínio de *Anomalocardia brasiliiana* e *Crassostrea* sp. O sambaqui da Maiobinha apresentou refugio ocupacional de cerca de 2,0m de espessura, composto principalmente por valvas de *Chione pectorina* em mistura com fragmentos de cerâmica, de líticos, vértebras de peixes, ossos de animais etc. Junto à base continha ainda dois sepultamentos primários diretos: de uma mulher em posição fletida e decúbito dorsal, associado a contas líticas de provável colar; e outro, mais abaixo, de uma criança de colo também associado com minúsculas contas líticas. O sambaqui de Guaíba, por sua vez, fora parcialmente destruído, exibindo um refugio residual de apenas 1,0m de profundidade com sinais de perturbação. Ainda que diferentes entre si, as cerâmicas de ambos mostram-se melhor confeccionadas que as dos demais sambaquis locais, inclusive com técnicas decorativas sofisticadas. Duas amostras de carvão do sambaqui da Maiobinha forneceram datações de A.D. 545 e A.D. 705. (Simões, 1973).

Excluídos os dois acima citados, os demais sambaquis pesquisados foram tipologicamente filiados à tradição *Mina* do litoral paraense e baixo Amazonas.

8 — **Projeto Baixo rio Tocantins (1976-1979)** — Projeto financiado pelo *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica*

(9) — Programa de grande amplitude e participação interinstitucional, em realização mediante convênio entre o CNPq e a Smithsonian Institution, com a colaboração da SPHAN, INPA e Museu Goeldi. É coordenado por Clifford Evans (até janeiro de 81) e Betty Meggers, pela Smithsonian Institution, e Mário F. Simões, pelo CNPq/Museu Goeldi, dele participando, além do pessoal da Divisão de Arqueologia do Museu Goeldi, Celso Perota (UFES), Ondemar F. Dias Jr (UFRJ) e Eurico Th. Miller (UCRS), com respectivas equipes. Iniciado em 1976, com previsão para 5 anos, tendo sido já pesquisadas várias áreas do Pará, Amazonas, Acre e Rondônia (Simões, 1977).

(PRONAPABA),⁽⁹⁾ em 1976, e realizado por Mario F. Simões, Eneida Ch. Malerbi e Fernanda de Araujo-Costa nos trechos Marabá-Santa Terezinha e Tucuruí-Nazaré dos Patos. Porém, tendo em vista a construção da represa de Tucuruí e a futura inundação da área acima da hidrelétrica, mediante acordo com a ELETRO-NORTE, foi providenciado em 1977 o salvamento arqueológico da área, levado a efeito por Mario F. Simões, Fernanda de Araujo-Costa e Ana Lucia Machado. Em 1978, retornam ao campo as duas últimas para completar os trechos intermediários e, em 1979, Daniel F. Fróis Lopes viajou para Marabá para salvamento de mais 2 sítios ameaçados de destruição por erosão e desmatamento. Além dos objetivos específicos do PRONAPABA (Simões, 1978) e de Salvamento Arqueológico, a pesquisa tinha por finalidade verificar, pela posição geográfica da área, a possibilidade desta ter servido como centro receptor e/ou de passagem de grupos pré-históricos de sudeste, centro e norte do Brasil.

Localizados e pesquisados 40 sítios arqueológicos ao longo do baixo Tocantins e seus afluentes, no trecho Marabá-Nazaré dos Patos, e identificadas até o momento 3 fases arqueológicas distintas — *Tuari*, *Tucuruí* e *Tauá*. A fase *Tuari* foi identificada nos sítios localizados entre Marabá e Jatobal, apresentando cerâmica utilitária com ênfase no banho vermelho, corrugado e roletado; artefatos líticos compreendendo lâminas-de-machado, bate-dores, facas e raras pontas-de-projétil. Evidências de sepultamento secundário em urnas. A fase *Tucuruí*, reconhecida nos sítios localizados entre a corredeira de Capitariquara e Tucuruí, inclusive ao longo da antiga ferrovia Jatobal-Tucuruí, apresentou cerâmica melhor manufaturada, com pintura, incisão e modelado. Artefatos líticos semelhantes ao da fase *Tuari* e sepultamento primário direto na área do sítio. Já a fase *Tauá*, caracterizada nos sítios à jusante de Tucuruí mostrou uma cerâmica mui-

to elaborada, com vários tipos decorativos, totalmente diversa das duas anteriores.

A fase Tauari foi datada em A.D. 1550, enquanto a Tucuruí em A.D. 1000. Todas três fases pertencem a *horticultores de floresta tropical*, relacionando-se as duas primeiras a grupos com forte influência na cerâmica com a tradição *Tupiguarani*. Já a fase Tauá, pelas características da cerâmica, é tipicamente relacionada com a tradição *Incisa Ponteadada* da Amazônia (Simões, s/d).

9 — **Projeto Médio rio Negro (1978)** — Pesquisa programada e patrocinada pelo PRONAPABA no curso médio do rio Negro, entre as fozes dos rios Cuieiras e Ararirrá, e realizada por Mario F. Simões, Ana Lucia Machado e Ana Lucia Maroja. Além dos objetivos do Programa, buscava ainda o projeto complementar as pesquisas anteriores no baixo curso do rio. (Fig. 6d).

Pesquisados 20 sítios arqueológicos ao longo da calha do rio e baixo curso de vários de seus afluentes. São todos sítios-habitações localizados em locais elevados e próximo à margem do rio. Ainda que grande parte do material se encontre em processo de análise e classificação, pode-se adiantar que há uma preponderância de sítios com material típico da subtradição *Guarita*, em especial da fase Apuaú (Simões, 1974). Há ainda ocorrência de material que, pelas formas e decoração exibidas, não se enquadra nas fases e tradições comuns da região, além de pequena incidência de cerâmica neo-brasileira.

Datações para alguns sítios com traços diagnósticos da subtradição *Guarita* acusaram A.D. 880 e A.D. 990, enquanto duas outras — A.D. 1220 e A.D. 1325 — procedem de sítios com material inédito (Simões, s/d).

10 — **Projeto Baixo Uatumã/Jatapu (1979)** — Patrocinado pelo PRONAPABA para pesquisas nos cursos inferiores dos rios Uatumã e Jatapu (AM), e realizadas por Mario F. Simões, Conceição G. Corrêa, Ana Lucia Maroja e Lilia G. Nasser. Objetivos adicionais aos do Programa compreendendo tentativa de identificação das áreas de influências das duas grandes tradições ceramistas amazônicas. (Fig. 6e)

Localizados e pesquisados 27 sítios no baixo Uatumã, baixo Maripá, baixo Jatapu, paraná de Uruará e furo de Silves. Com exceção de um único sítio, onde foram escavadas urnas de sepultamento secundário, todos os demais são sítio-habitações. Embora o material esteja em fase de análise preliminar, há grande número de sítios com material tipicamente da tradição *Policroma*, especialmente da subtradição *Guarita*, inclusive com urnas antropomorfas policromas. Presença ainda de sítios com material assemelhado ao da fase ou complexo Konduri, da tradição *Incisa Ponteadada*, de distribuição geográfica nos rios Nhamundá e Trombetas. (Simões, s/d).

11 — **Projeto Médio rio Urubu (1980)** — Projeto financiado pelo PIN-Trópico Úmido e realizado por Mario F. Simões, Ana Lucia Maroja e Daniel F. Frois Lopes no curso médio do rio Urubu (AM), tendo por objetivo complementar as pesquisas anteriores no lago de Silves e baixo rio Negro. (Fig. 6f)

Localizados e pesquisados 23 sítios ao longo do curso médio do rio, da foz do rio Anebá até o lago da Glória. Pela recência do trabalho de campo (novembro-dezembro) e o material estar ainda sendo lavado e etiquetado, somente é possível adiantar que maior parte dos sítios apresenta evidências de material assemelhado ao da fase Silves, do lago de Silves.

ACERVO ARQUEOLÓGICO

Até 1954 o acervo arqueológico do Museu Goeldi não ultrapassava 700 peças e fragmentos, dentre as quais a coleção de Lima Guedes (Maracá) e a de Goeldi (Cunani). Em 1959, adquire o CNPq por compra a valiosa *Coleção Frederico Barata*, organizada por esse estudioso da Cultura Santarém, depositando-a no Museu Goeldi para fins de conservação e exposição.

Atualmente, conta o acervo com 2.054 peças tombadas, constando de exemplares completos, incompletos e restaurados, além de, aproximadamente, 800.000 fragmentos de cerâmica, de artefatos líticos etc., procedentes das escavações estratigráficas e coleções de superfície dos inúmeros sítios pesquisados nos últimos anos. Das peças completas e restauradas,

destacam-se, além daquelas já citadas acima, as coleções Nimuendajú, Townsend e Barata (Santarém e Oriximiná), Evans & Meggers (Marajó e Amapá), Frikel (Baixo Amazonas, rio Cururu e Tumucumaque), Corrêa, Figueiredo & Simões (Marajó), J.C. Cardoso (Marajó). Simões (Salgado, Negro e Uatumã) e INPA (Silves e Solimões).

PUBLICAÇÕES

Além dos resultados das pesquisas realizadas e já citados no texto, outros trabalhos vêm sendo publicados pelo Museu Goeldi, como a cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas (Figueiredo, 1965), estatuetas de cerâmica na Cultura Santarém (Corrêa, 1965), cerâmica arqueológica do rio Fresco (Simões *et al.*, 1973), reconstituição da pré-história da Amazônia (Meggers & Evans, 1973), pontas-de-projétil no Tapajós (Simões, 1976) e arqueologia dos rios Nhamundá/Trombetas (Hilbert & Hilbert, 1980). Somam-se, ainda, alguns trabalhos sobre metodologia e informação arqueológicas, como o pequeno manual para prospecção arqueológica (Evans & Meggers, 1965), os resultados preliminares do *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas* (Simões, *Ed.*, 1967, 1969a, 1969b, 1971 e 1974), uma sinopse sobre a Arqueologia do Brasil (Brochado *et al.*, 1969), o índice das fases arqueológicas (Simões, 1972) e, mais recentemente, as áreas da Amazônia Legal Brasileira para fins de cadastro e pesquisa de sítios arqueológicos (Simões & Araujo-Costa, 1978).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período de 1955 ao presente, não obstante o reduzido pessoal de pesquisa e apoio, foram realizadas pela Divisão de Arqueologia as seguintes atividades: co-direção científica de 2 programas nacionais e interinstitucionais (PRONAPA e PRONAPABA); programados e executados 14 projetos de pesquisa; localizados e pesquisados 308 sítios arqueológicos; identificadas mais de 40 fases, uma tradição (Mina) e uma subtradição (Guarita); obtidas cerca de 70 datações por C_{14} e Termoluminescência e publicados 38 trabalhos, entre artigos e monografias.

As pesquisas arqueológicas...

No campo do ensino e treinamento de pessoal foram ministrados 2 cursos de Arqueologia em nível de pós-graduação, concedidos 6 estágios especiais e 18 regulares, proferidas várias palestras e conferências e montadas 4 exposições.

No tocante às coleções arqueológicas ou acervo, foram estas totalmente revisadas quanto ao seu tombamento, restauradas aquelas em mau estado e iniciado o fichamento descritivo-tipológico de cada espécime. Acrescidos mais 1355 espécimes tombados, além de cerca de 800.000 fragmentos diversos das coleções estratigráficas.

SUMMARY

The development of archeological research in the Museu Paraense Emilio Goeldi is due in large part to the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) which, beginning in 1954, reorganized, reequiped, and revitalized the former Section of Amazonian Archeology. The history of Archeology in the Museu Goeldi is traced from its founding to the present day. At the time of the entry of the CNPq into the administration of the Museum, the old Section of Amazonian Archeology had been practically inactive since the beginning of the 20th century. Today, the Division of Archeology includes 5 researchers and technicians and curates a collection of artefacts which numbers over 2000 pieces. The principle research projects which have been carried out or are still in progress are discussed, as are collateral activities in the fields of education and the conservation of archeological sites.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROCHADO, J. Proenza et alii.
1969 — Arqueologia Brasileira em 1968. Um relatório sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 12. 33 p. il.
- CORRÊA, Conceição G.
1965 — Estatuetas de cerâmica na Cultura Santarém. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 4. 90 p. il.
- CORRÊA, Conceição G. & SIMÕES, Mário F.
1971 — Pesquisas arqueológicas na região do Salgado (Pará). A fase Areão do litoral de Marapanim. **B. Mus. Pa. Emilio Goeldi**, n. ser. **Antrop.**, Belém, 48. 30 p. il.
- EVANS, Clifford & MEGGERS, Betty J.
1965 — Guia para prospecção arqueológica no Brasil. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi, VIII+57 p. il. (Série Guias, 2).

- FERREIRA PENNA, Domingos S.
 1876 — Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. **Arch. Mus. Nac.**, do Rio de Janeiro, 1: 85-99.
 1877a — Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. **Arch. Mus. Nac.**, Rio de Janeiro, 2: 47-67.
 1877b — Urnas de Maracá. **Arch. Mus. Nac.**, Rio de Janeiro, 2: 69-71.
- FIGUEIREDO, Napoleão
 1965 — A cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. Antrop.**, Belém, 27. 17 p. il.
- FIGUEIREDO, Napoleão & SIMÕES, Mário F.
 1963 — Contribuição à arqueologia da fase Marajoara. **Rev. Mus. Paul.**, São Paulo, 14: 455-65. il.
- GOELDI, Emílio
 1900 — Excavações archeológicas em 1895. 1.ª parte: As cavernas funerarias artificiaes dos indios extinctos no rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. **Mem. Mus. Pa. Hist. Nat. Ethnogr.**, Belém, 1. 43 p. il.
- GUEDES, Aureliano Lima
 1897 — Relatório sobre uma missão ethnographica e archeologica aos rios Maracá e Anauerapucú. **B. Mus. Pa. Hist. Nat. Ethnogr.** Belém, 2: 42-64.
- HILBERT, Peter P.
 1952 — Contribuição a arqueologia da Ilha de Marajó. Os "tesos" marajoaras do alto Camutins e a atual situação da Ilha do Pacoval, no Arari. **Inst. Antrop. Etnol. Pará**, Belém, 5. 32 p. il.
 1955a — Tripods in the lower Amazon. In: CONGRES. INTERN. AMERICAN., 31. São Paulo, **Anais...** 2: 42-64. il.
 1955b — A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. **Inst. Antrop. Etnol. Pará**, Belém, 9. 76 p. il.
 1957 — Contribuição à arqueologia do Amapá. Fase Aristé. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. Antrop.**, Belém, 1. 37 p. il.
 1958 — Urnas funerárias do rio Cururu, Alto Tapajós. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. Antrop.**, Belém, 6. 13 p. il.
 1959a — Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Amazonas. **Inst. Antrop. Etnol. Pará**, Belém, 10. 20 p. il.
 1959b — Preliminary results of archeological investigations in the vicinity of the mouth of the Rio Negro, Amazonas. In: CONGRES. INTERN. AMERICAN., 33. San José. **Actas...** 2: 370-77. il.
 1962a — New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). In: INTER. AMERIKANISTNKONGRESSES, 34. Wien. **Akten...** p. 471-76. il.
 1962b — Preliminary results of archaeological research on the Japurá River, Middle Amazon. In: INTER. AMERIKANISTNKONGRESSES, 34. Wien. **Akten...** p. 465-70. il.
 1968 — Archaelogische Untersuchungen am mittleren Amazonas. Beitrage Zur Vorgeschichte des Sudamerikanischen Tieflandes. **Marburger Stud. Zur Volkerk.**, Berlin, 1. 281 p. il.
- HILBERT, Peter Paul & HILBERT, Klaus
 1980 — Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. Antrop.**, Belém, 75. 11 p. il.
- KATZER, Friedrich
 1903 — **Grundzüge der Geologie des unteren Amazonasgebietes (des Staates Pará in Brasilien)**. Leipzig, M. Weg. 296 p. il.
- KRAATZ-KOSCHLAU, K.A. von & HUBER, J.
 1900 — Zwischen Ocean und Guamá. Beitrag zur Kenntniss des Staates Pará. **Mem. Mus. Pa. Hist. Nat. Ethnogr.**, Belém, 2. 34 p. il.
- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford
 1957 — Archeological investigations at the mouth of the Amazon. **Bur. Amer. Ethnol. Bull.**, 167. 664 p. il.
 1973 — A reconstrução da pré-história Amazônica. Algumas considerações teóricas. In: SIMÕES, M.F. — O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 20 p. 51-69. il.
- NIMUENDAJÚ, Curt
 1949 — Os Tapajós. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 10: 93-106.
- SIMÕES, Mário F.
 1967a — Resultados preliminares de uma prospecção arqueológica na região dos rios Goiapi e Camará (Ilha de Marajó). In: SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA. Rio de Janeiro. **Atas**. v. 2 Antropologia. p. 207-24 fl.
 1967b — Considerações preliminares sobre a arqueologia do alto Xingu (Mato Grosso). In: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. Resultados preliminares do primeiro ano. 1965-66. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 6: 129-52. il.
 1969 — The Castanheira Site: New evidence on the antiquity and history of the Ananatuba Phase (Marajó Island, Brazil). **Amer. Antiq.**, Salt Lake City, 34 (4): 402-10. il.
 1971 — O Museu Goeldi e a Arqueologia da Bacia Amazônica. In: ROCQUE, C. **Antologia da Cultura Amazônica**. São Paulo, Edições Culturais, p. 172-80., il. (Antropologia-Folclores, 6).
 1972 — Índice das fases arqueológicas brasileiras. 1950-1971. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 18. 75 p. il.

- 1973 — A pesquisa arqueológica na Amazônia Legal Brasileira. In: **Dédalo**, São Paulo, 17/18: 11-23. il.
- 1974 — Contribuição à arqueologia dos arredores do baixo rio Negro. In: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. Resultados preliminares do quinto ano. 1969-70. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 26: 165-88. il.
- 1976 — Nota sobre duas pontas-de-projétil da bacia do Tapajós (Pará). **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, n. ser. **Antrop.**, Belém, 62. 14 p. il.
- 1977 — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. **Acta Amazonica**, Manaus, 7 (3): 297-300. il.
- 1981 — Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado. Nota preliminar. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, n. ser. **Antrop.**, Belém, 78. 26 p. il.
- sd — O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. Áreas pesquisadas nos três primeiros anos (1977-79). **Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa de Minas Gerais**, Belo Horizonte. (no prelo).

SIMÕES, Mário F. & ARAUJO-COSTA, Fernanda

- 1978 — Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 30. 160 p. il.

SIMÕES, Mário F.; CORRÊA, Conceição G.; MACHADO, Ana Lucia

- 1973 — Achados arqueológicos no baixo rio Fresco (Pará). In: Simões, M.F. — O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 20. p. 113-42. il.
- 1977 — Pesquisas arqueológicas nas estearias do lago Cajari, Maranhão. In: **RESUMOS da 29.ª Reunião Anual da SBPC**, São Paulo, p. 162-3.

SIMÕES, Mário F. (Editor)

- 1967 — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do primeiro ano. 1965-66. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 6. 158 p. il.
- 1969a — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do segundo ano. 1966-67. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 10. 152 p. il.
- 1969b — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do terceiro ano. 1967-68. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém.
- 1971 — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do quarto ano. 1968-69. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 15. 190 p. il.
- 1974 — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do quinto ano. 1969-70. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 26. 200 p. il.